

Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 7 de Janeiro de 1995 • Ano LI - N.º 1326 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

A CABARAM-SE as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não, nas Colónias de Férias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles!

Podia tomar agora o pequenino doente nos meus braços, retirá-lo do casebre onde tudo falta e deitá-lo eu mesmo na sua cama onde há sol e abundância, regalado. Podia atender num instante e deixar ir para Miranda do Corvo o traquina que por vezes me sai ao caminho: «Deixe-me ir consigo». Podia.

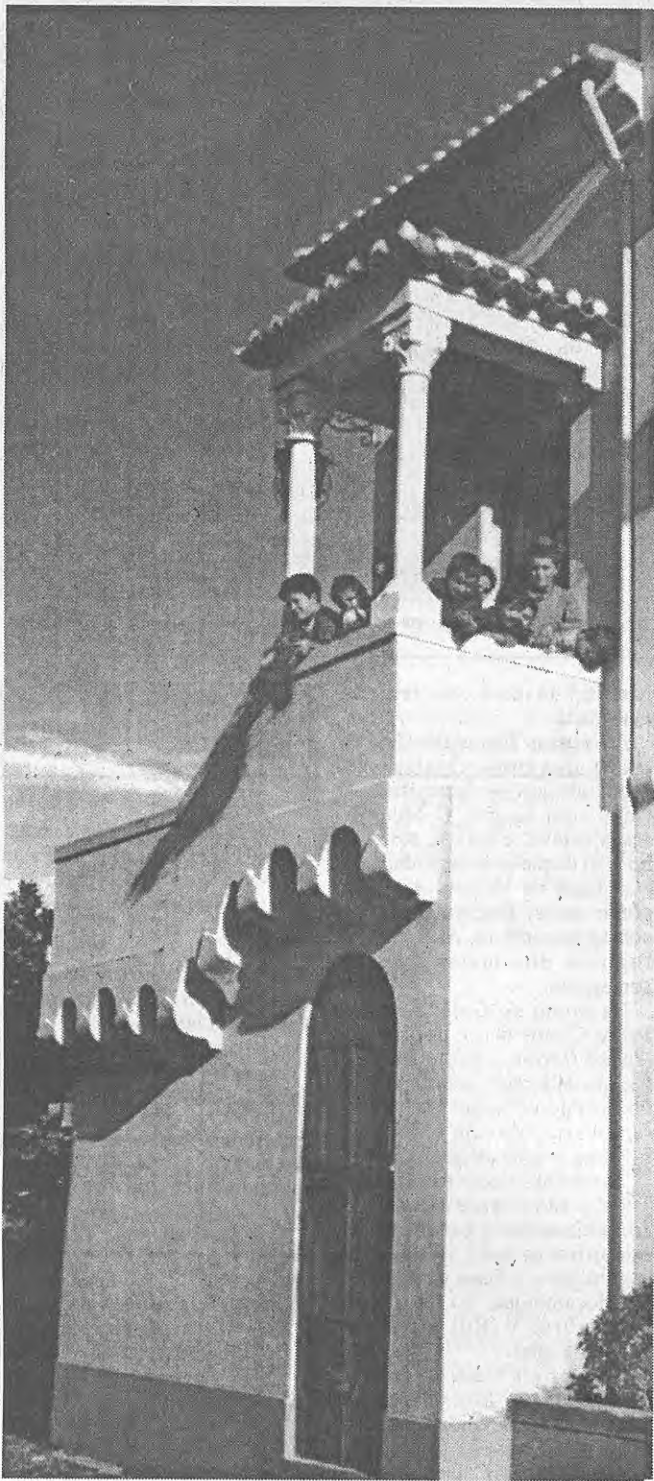
Sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro; destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias — eu realizei eficazmente os meus desejos que são justamente os do garoto da rua: dar-lhes pão, sol, largueza, asas. Comprei uma casa para eles — sem dinheiro.

(...) Os construtores de Obras assim não têm medo do dinheiro; eles sabem que Jesus o mandou retirar de dentro de um peixe para saldar contas com César. Onde quer que seja e onde menos se espera, encontra a gente o que precisa.

Assinei a escritura, dei metade à conta e no fim de poucas semanas tinha a dívida saldada — «a César o que é de César».

A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos na primeira semana de Janeiro de 1940.

PAI AMÉRICO



UMA DATA

SETE de Janeiro é a da saída da presente edição d'O GAIATO. Nela se comemoram os cinquenta e cinco anos da primeira Casa do Gaiato que é a de Miranda do Corvo.

Foi esta a primeira acção estável da Obra da Rua que, desde 19 de Março de 1932, com mandato do seu Bispo, Pai Américo vinha desenvolvendo, «caoticamente, como podia ser», nas ruas de Coimbra.

Nos cinco anos anteriores a este nascimento, Pai Américo preparara-o no ensaio que foram as Colónias de Férias do Garoto da Baixa, em S. Pedro de Alva, Vila Nova do Ceira e, no Verão de 1939, nos Bujos, na velha casa que, logo após, foi berço da nova Casa do Gaiato.

A Obra da Rua está consagrada, desde o primeiro instante, ao Santíssimo Nome de Jesus «o Único em que há Salvação» e, por isso, Aquele de que a Obra é porta-voz. Ele é a fonte de todo o dinamismo que a gerou e a mantém de pé e irradiante de bem, apesar da vulgaridade dos seus suportes humanos. Justamente para que se saiba quem é o seu Autor e se dê honra e glória ao Único que é digno dela.

Nesse tempo, por estes dias, ocorria a Festa litúrgica do Santíssimo Nome de Jesus que era o Dia Santo da Obra. Assim, Pai Américo escolheu aquele 7 de Janeiro para principiar organiza-

mente uma acção específica em prol dos rapazes da rua, a qual conheceu sempre uma certa distinção entre outras que ele promovia no seio das famílias sem eira nem beira, em que a fome, a doença, a desorganização eram reinantes.

Este bocadinho de história já tem sido várias vezes evocado, mas é sempre oportuno lembrá-lo aos que já sabem e dá-lo a conhecer aos que só agora vão deparando com a Obra. Esta é, antes de mais, uma afirmação do amor de Deus pelos homens, sobretudo pelos mais fracos e caídos, e da Sua presença actuante no meio deles servindo-se de instrumentos também fracos para que reluza o Seu poder e se não atribua a outrem os méritos que só a Ele pertencem.

O encanto que a Obra desperta, a confiança de que tem gozado assentam neste fundamento: Jesus é a sua «pedra angular». Este encanto e confiança, mais do que o conforto que nos trazem, dá-nos a alegria de constarmos a fome de Evangelho que há no mundo. Quando Ele aparece muito simplesmente, na viabilidade da Sua utopia, os homens bons rendem-se, mesmo os que julgam não crer. E quantas vezes se tornam arautos da nova Evangelização! É que esta não se realiza tanto pela palavra como pela vida.

Padre Carlos

B E N G U E L A

Dia de Natal

ESCREVO esta nota ao findar o dia de Natal. Do escritório onde me encontro, oiço os rapazes cantar: «É Natal, é Natal, tudo tem mais luz...»

Vou-me deliciando com a espontaneidade deles, que põe a descoberto a alegria que lhes vai no coração. Já vêm a luz para a sua vida. É tão importante para eles, na fase da vida em que se encontram, poderem caminhar com tranquilidade.

Ontem, antes do início da ceia de Natal, estando todos à mesa coberta com toalha, lembrei-lhes a multidão de crianças da rua e sem serem da rua que não podem ter a festa que eles têm. A maioria absoluta das crianças de Angola não soube o que foi Natal, com o aconchego da família e o bocadinho de pão com sabor a Festa.

A véspera de Natal foi de muito trabalho. O peso que levamos das centenas de famílias mai-los filhos, a viverem do pão amassado com o nosso suor e o delas, não consente repouso em momentos como este. A festa de Natal só é verdadeira quando é partilhada. É de sua natureza. Que outra coisa é o Mistério que celebramos no Natal que a máxima

partilha da riqueza do nosso Deus com a nossa pobreza? Desta permuta admirável nasce a harmonia, a paz, a fraternidade, a alegria de viver, porque a vida ganha sentido. Por isso a véspera de Natal foi de grande azáfama para que todos os que vivem mais perto de nós tivessem o pão com sabor a Festa. Mas não pude dar o copinho de leite aos filhos e às mães porque não o tinha. Situações como estas são uma rica oportunidade para sermos felizes desde que tenhamos o mínimo para partilhar. Os Pobres, que o são de verdade, contentam-se com tão pouco! Todos levaram farinha de milho, um pouquinho de farinha de trigo, mais outro tanto de arroz e de açúcar. As mães que amamentam os filhos bem queriam uma medida de leite, mas não tínhamos. Penso que o Natal vivido nestas condições, com a alegria do mínimo necessário, anda mais perto do Natal verdadeiro.

Esperança da paz efectiva

O grande dom do Natal deste ano foi a esperança da paz efectiva. Passámos a festa em paz, com dose de calor desconhecida, nesta data, há vários anos. O rio Cavaco vai cheio

de água, desde há mais de um mês, sinal de chuva intensa e do calor tropical e húmido que se tem feito sentir. A resistência física é posta à prova e o paludismo não conseguiu perturbar o nosso sossego. Toda a gente operacional! Vamos ver a seguir.

Estive de visita ao Centro de crianças desamparadas, já falado nesta coluna, com uma pequenina carga de arroz, açúcar e sabão, para que o Natal seja um dia diferente dos mais dias. Deste modo, não só as crianças mas também as pessoas que cuidam delas sabem que não estão sozinhas nesta cruzada de bem fazer. É que tem sido muito difícil penetrar no coração e na bolsa dos empresários antigos e dos que estão a emergir. Se não fossem as Organizações não governamentais estrangeiras não sei o que seria de iniciativas louváveis que aparecem aqui ou ali.

Vamos continuar a trabalhar

Sonhamos e temos que esperar. O tempo não conta, sob pena de desânimo. Se a obra sonhada é boa, há-de cumprir-

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

SINAIS DE NATAL — A Fé e Esperança daquela pobre velhinha — há muitos anos doente — mãe (solteira) de quatro filhos já criados! Agora, como sempre quando a visitamos, abre-se num livro d'Oração. Espontânea. Que brota da alma e do coração. Não há prece com a dos Pobres! Neste caso, para além do óbolo regular, acrescentamos à sua magra *pensão social* os medicamentos necessários para sobreviver.

Todos receberam consoada entregue com discreção. Os *bodos* são espectáculos humilhantes!

E aquela família d'algures? Pai doente, acamado, incontinente. O filho também é uma cruz... Precisavam d'ajuda para obra pequenina. Entregou-a Jesus-Menino, na hora própria. A mãe da prole ergueu os braços, chorou d'alegria!

Mais: o jovem responsável da Conferência achou por bem levar a consoada e a Mensagem do Nazareno ao seropositivo na véspera de Natal. Ele, bem acolhido nos braços de família vizinha.

Habitualmente, antes da *Missa do Galo*, deixamos um estímulo de amizade cristã aos bombeiros voluntários no seu quartel, sempre prontos durante a vigília para o que der e vier.

PARTILHA — Espinho, com «a habitual contribuição para a Conferência de Paço de Sousa, referente ao 2.º semestre de 1994. Como é Natal, vai mais uma pequena migalhinha». Três mil, da assinante 9792, de Guimarães, «para socorrer uma viúva necessitada». Mil, do assinante 8632, do Porto. Idem, «migalhinha muito pequena, por alma dos meus pais», entregue no Espelho da Moda. Dez vezes mais, de Acácio que nos visita todos os anos.

Três mil, do Porto: «dois mil meus, e um de pessoa amiga». Agradecemos a referência de ordem pessoal. Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, manda cheque «para ajudar a suavizar as amarguras dos Pobres». Mais uma peregrina habitual, assinante 14493, do Porto. Acentua que o óbolo «seja aplicado no que for mais preciso», lembrando o marido que Deus levou há pouco mais de dois meses.

Um engenheiro amigo, do Porto, traz a lembrança «para uma viúva com filhos pequenos» e recomenda que vivamos o Natal «com santa interioridade para que o Menino nasça em Paz nos nossos corações». A

Pelas CASAS DO GAIATO

«partilha de Novembro/Dezembro, da Assinante de Paço de Arcos». Assinante 14802, de Rana (Pareda), cativa um resto de contas d'O GAIATO para «a ceia de Natal dos Pobres». Idem, da assinante 57002, Senhora da Hora, informando que «não necessita de nenhum recibo». Mais sete mil, da assinante 17431, de Guimarães. Outro cheque, de Ilhavo, «a fim de minimizar as agruras dos Pobres». Mais outro, do assinante 42971, de Ovar, acentuando: «Não precisam de agradecer». A presença mensal do casal-assinante, do Fundão, «acrescida do subsídio de Natal». Dez mil, da assinante 9708, de Coimbra, «para ajuda da conta da farmácia (pequena ajuda), pois calculo que sejam bem grandes». E são! Ainda agora pagámos a de Novembro — mais de cinquenta mil escudos. Três mil, da assinante 35019, de Portela da Ajuda (Lisboa). E uma boa consoada, da Avenida Estados Unidos da América — Lisboa. Outra, da «Avó dos cinco netinhos», de Setúbal.

Deixamos para o fim a fraterna partilha duma Conferência Vicentina, do Porto, tendo por divisa: «A caridade não tem fronteiras». E não! Seria minimizar a Boa Nova.

Retribuímos e agradecemos os votos de santo Natal e Ano Novo.

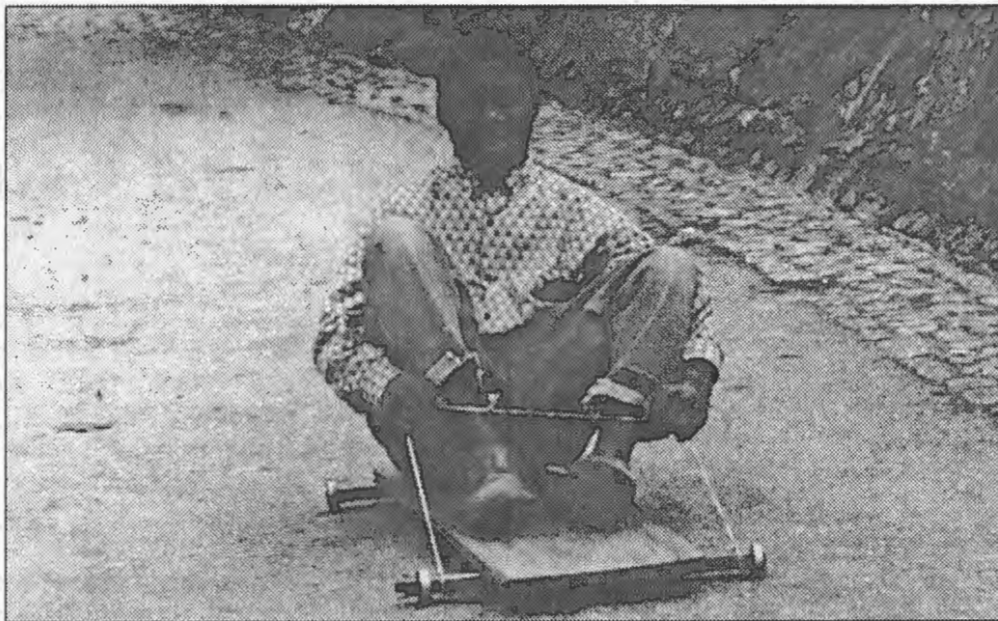
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NATAL — Mais uma vez, com a colaboração de todos, correu tudo bem. Todos ficaram contentes com as suas prendas. E assim se passou mais um feliz Natal na nossa Aldeia. Esperamos que o de 95 seja também uma grande festa.

PASSAGEM D'ANO — Como habitualmente alguns dos nossos rapazes fizeram a



Os «bóldes», com rolamentos, distraem não só os pequenos como também os maiorzitos.

passagem d'Ano com os seus familiares. Voltaram felizes. Os que ficaram também se divertiram bastante. Tudo correu bem.

FUGITIVOS — Continuamos sem saber do paradeiro de dois rapazes. Parece que não estão a gostar muito deste clima. Esperemos, de uma vez por todas, eles entendam que as fugas não são um bom caminho para o seu futuro.

AGRO-PECUÁRIA — A recolha da hortaliça correu bem. Este ano realizou-se mais uma matança de porcos. Tarefa difícil, mas como cá na Casa a união faz a força, tudo se tornou mais fácil.

TAREFAS — Com a ida dos nossos estudantes para mais um período escolar, a população diminuiu e as tarefas tornaram-se mais difíceis para os restantes. Mas como já estamos habituados, encaramos tudo com normalidade.

CARAS NOVAS — Mais duas bonitas caras vieram para a nossa Casa: o António Sérgio com onze anos, e o Hugo Manuel com dez anos. São irmãos e vieram de Maceira (Sintra). Esperamos consigam encontrar a felicidade que não tiveram. Boa sorte.

OFERTAS — Agradecemos tudo o que nos deram durante o ano de 94, principalmente na época de Natal.

Desejamos a todos os nossos Leitores e Amigos felicidades para 1995.

Vitor II e «Banana»

SUSPIROS D'ÁFRICA — Povo que sofre, povo que morre doente, que morre de fome, que chora pelo sofrimento, que não sabe do seu futuro, que vive em mágoas da guerra!...

Que Natal teve aquele povo? Um Natal pobre, mas rico, dentro dos corações de cada um porque souberam receber o

Menino Jesus e não temem mais nada...

As nossas Casas do Gaiato — de Benguela, Malanje e Moçambique — festejaram o Natal com alegria. O Menino Jesus esteve, e estará, sempre no seio daquelas comunidades.

A Casa de Malanje é a que sofre mais. Entram e saem constantemente da Aldeia para fugirem dos males que os perseguem.

Na *Missa do Galo*, o nosso Padre Carlos deu a notícia do Álvaro Carioca, que tinha telefonado de Luanda a dizer que o nosso Padre Telmo e os seus rapazes já estavam em Casa. Foi uma grande alegria!

Também dou uma boa notícia aos nossos leitores e simpatizantes: a partida dum nosso irmão mais velho, que seguiu para a Casa do Gaiato de Moçambique, no dia 14 de Dezembro: o Rui Amílcar Ferreira Lopes.

Veio para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa muito pequeno, na década de sessenta. Casou e construiu uma família. Tem duas filhas.

Antes da partida esteve conosco, uns meses, a trabalhar na tipografia. Fez muitas amizades e a malta gostou muito dele.

Em nome de todos desejo-lhe uma boa sorte, para a vida nova e difícil que encontrará à sua frente.

DESPORTO — No sábado, 17 de Dezembro, fizemos um jogo treino com uma equipa dos arredores do Porto. Um bom encontro.

No domingo, realizámos dois jogos. Um de manhã, outro à tarde.

De manhã, defrontámos uma equipa de S. Pedro da Cova (Gondomar). Ganhámos por 5-2. À tarde, fomos jogar a Ordins (Penafiel) com a equipa local. Um jogo muito viril, porque o terreno estava em péssimas condições, obrigando os jogadores a lutarem mais. Foi muito duro. Resultado final: 3-3.

Repórter x

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Alguns companheiros prepararam uma Festa de Natal com muito esforço e vontade. Foi uma bela festa!

AZEITONA — A apanha está concluída e o resto já foi para o lagar. Parte do azeite está cá em nossa Casa.

AULAS — As nossas aulas estão a recomeçar. Alguns têm notas razoáveis, outros não. Esperamos que se esforcem no segundo período para conseguirem melhor aproveitamento.

OFERTAS — Têm-nos oferecido muita coisa, sobretudo roupa. No domingo, trouxeram-nos galinhas e alguns frangos. Agradecemos a estas pessoas que se lembram de nós.

CATEQUESE — Temos tido Catequese e registamos alguma dificuldade na presença de algumas catequistas que nem sempre podem estar presentes. De resto, tudo corre normalmente.

Frederico

Associação dos Antigos Gaiatos e familiares do Centro

NATAL — Estamos em época de Natal. Desejamos a todos os nossos associados, bem como a toda a família do Gaiato, uma quadra festiva plena de felicidade (saúde, partilha, solidariedade e união familiar).

Reflectimos um pouco mais no nosso Próximo — o Pobre: doente, idoso, solitário, viciado nas drogas, desempregado...

Façamos um projecto de acção que prolongue os sentimentos natalícios ao longo de todo o ano. Nesse projecto tenhamos especial atenção pelos antigos gaiatos, nossos irmãos, e pelos familiares que

possam beneficiar com a nossa solidariedade.

Desejamos a todos os nossos associados e respectivas famílias, bem como aos amigos da nossa Associação, a mais feliz quadra natalícia e um santo Ano Novo.

INQUÉRITO — É sabido que houve eleições em Junho último. A Direcção está a elaborar um questionário, de respostas simples, no sentido de nortear a sua acção de acordo com a vontade do maior número de sócios, dentro dos limites estatutários. Pedimos a vossa colaboração e uma resposta tão breve quanto o possível.

SAUDADE — Lembramos com saudade os associados António Mendes «Foguetão» e José Neto «Saboia», que recentemente caminharam para o Além. Deus os tenha em eterno descanso e reconforte as suas famílias.

José Martins de Carvalho

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ano Internacional da Família! Não podíamos deixá-lo terminar sem darmos uma palavrinha sobre a família.

Nós, vicentinos, se olharmos para trás, vemos quantas coisas ficaram por fazer, tantas famílias necessitadas que precisam da nossa ajuda.

Vamos, hoje, falar dum caso triste, que nos tem tocado bastante, e quando dizemos que nos tem tocado é que ele é filho de uma das nossas Pobres. Tem 36 anos, saíu agora da cadeia onde pagou bem caro o erro que cometeu. Está doente, há bastante tempo. Tem uma tuberculose. Anda a tratar-se, mas as condições são péssimas. A mãe está com a reforma mínima. E chora porque gostava de dar ao filho mais conforto. Para começar, precisa de um quarto onde pudesse viver com ele. Neste momento estão com uma tia que tem só um quarto onde dormem três pessoas e cozinham.

Procurámos uma ajuda junto da Assistência Social. Segundo nos informaram neste momento não há verbas, mas prometem auxiliar nos medicamentos. Quanto ao quarto: é caro, a senhora não tem hipótese de pagar, nós também não podemos assumir essa responsabilidade. Vamos tentar ajudar no que pudermos, e apelamos aos nossos amigos para se encontrar uma solução para esta família.

Como vicentinos lamentamos que tantas delas passem um mau bocado. O Ano Internacional da Família acabou e continuamos a ver muitas delas numa situação de miséria que não mereciam. Isto porque a falta de habitação, de emprego, de saúde, são dificuldades que as mais carenciadas sofrem, sem que tenhamos capacidade de resposta para estes irmãos mais necessitados.

Aqui deixamos o apelo. Olhem melhor para as mais carenciadas que nos rodeiam. Vamos todos dar as mãos para que possam viver melhor na paz do Senhor.

RECEBEMOS — Vale de 5.000\$00. Amiga, 7.000\$00. Assinante 44842, 10.000\$00. Régua, 50.000\$00. Assinante 19576, 5.000\$00. Fiães, 15.000\$00. Anónima, 2.500\$00. Isaltina, 3.000\$00. Assinante 8896, 2.000\$00. Anónimo, 1.000\$00. Assinante 9708, 17.000\$00.

Agradecemos as palavras de conforto e de Boas Festas, que retribuímos.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Retalhos de vida

«BIQUINHO»



Eu sou o Hélder Nelson Pinto Oliveira, o «Biquinho».

Nasci em Massarelos, Porto, no dia 27/03/83.

A minha mãe abandonou-me com três anos. Hoje, tenho onze. E duas irmãs. A minha mãe chama-se Laura e o meu pai José António. Acho que estou melhor nesta, do que em minha casa... Aqui tratam-me bem.

Se não me acolhessem, aqui, não me sentiria bem nem andaria na Escola.

Quando for maior quero ser piloto de aviação.

Sou adepto do F. C. do Porto.

Hélder

TRIBUNA DE COIMBRA

Mais um ano de vida

É ainda no sabor do Natal que celebraremos mais um ano de vida desta nossa Casa do Gaiato. Era Janeiro de 1940. Horas angustiosas para o garoto da rua; bem amargas para quem a ele decidira dedicar vida e afeição, por inteiro, e os via regressar à solidão do tugúrio, depois de tanto sol doirado, ar puro e pão repartido com fartura. S. Pedro de Alva, Penacova e Vila Nova do Ceira viram nascer nas suas margens muitos sorrisos lavados, dos meninos da Baixa de Coimbra, naquele tempo.

O regresso era de amargura. A Rua, *habitat* natural de tantos deles, voltaria a ofuscar o brilho do sol que

o Padre Américo acendera no coração de todos: «Deixe-me ir consigo...»

A vontade de pegar neles; deitá-los com as próprias mãos em linho puro e rasgar nas janelas da alma o dom divino da Graça — que «não há rapazes maus» — fê-lo procurar uma casa que emprestasse dimensão visível ao dom inestimável da caridade que ardia no seu coração de Padre e de Pai.

Uma casa para eles que respondesse cabalmente a esse dom de alma. Tinha uma casa para eles. Era a três passos da Vila de Miranda do Corvo. Nascia assim o perímetro da Obra que havia de se estender bem longe, sempre com os olhos e

coração e alma centrados no Pobre. Era o início duma Obra deles, por eles e para eles. Onde o rapaz é o centro, antes dos orçamentos; do deve-haver e de quaisquer outras prioridades.

Assim foi e continua, vão já passados 55 anos. Com mais limitações, novos problemas e também inúmeras possibilidades. Mas o Pobre, esse continua a ser o critério de avaliação do nosso ser e agir. O rapaz sem família ou sem ela capacitada para criar, educar e amar; a criança abandonada e o rapaz da rua, sempre no centro do nosso querer e objectivo a alcançar: fazer de cada rapaz um homem de bem.

Padre João

DA Segurança Social pediram para recebermos um rapaz que vivia na rua. O pai, alcoólico, não cuidava dele, nem sequer lhe dava dormida. Por isso o Paulo Jorge passava as noites num velho carro abandonado e durante o dia frequentava a Escola Primária onde os professores lhe garantiam sempre alguma alimentação.

Outros familiares? Sim, tinha umas irmãs já empregadas, em terras próximas, mas, por auxílio, só mesmo os professores e uma senhora amiga e o interesse da Segurança Social.

Pois o Paulo Jorge veio mesmo para nossa Casa e com grande satisfação do pai. Mal entrou, mudou de nome, e para todos passou a ser o «Nhanha». Alcinha

PASSO A PASSO

O Paulo Jorge passava as noites num carro velho abandonado

não muito simpática, ao contrário daquele que a possui.

Isto foi já há meses atrás. Neste tempo, desde que é nosso, tem-me impressionado a sua honestidade, transparência e sentido das responsabilidades, qualidades raríssimas nos dias que correm. Seja na sapataria ou no pomar, o seu comportamento tem sido irrepreensível. Temos Homem!

Mas há coisas que me deixam preocupado... Têm vindo tios, um irmão... E eu fico a pensar! Que querem eles de facto?...

É muito fácil prometer, mesmo quando já se mostrou não ser capaz de cumprir. E a tentação de um caminho de facilidades, mesmo irre realizável, tem muito peso! O rapaz facilmente acredita, pois não tem consciência mínima das realidades. Geralmente basta dizer-lhe que

para onde vai não trabalha, ou que tem TV quanta queira. É certo e sabido que mete pés à estrada. Pois que é isso de preparar o futuro com hábitos de trabalho, tempos de recreio limitados, vida disciplinada e de comunidade para a mentalidade hodierna? Isso é história do passado...

Mas connosco, só assim! Individualismo, parasitismo, estagnação, não são formas de vida para nós.

Também não estamos livres disto, em alguma percentagem, mas o «Nhanha» tem mostrado que escolheu outro caminho. Será que vai resistir? Espero que sim, e juntamente com ele outros hão-de ter vitalidade para temperar a nossa vida.

Padre Júlio

SETÚBAL

Gozámos um Natal com tanta perfeição!

POUCOS anos, na vida desta Casa, gozámos um Natal com tanta perfeição! A preparação para uma festa é imprescindível para que a finalidade seja animadora. Mas não basta.

Quando se trata da festividade natalícia ela envolve sempre um mundo de surpresas que na sua conjugação aumentam ou diminuem a própria beleza.

Para as crianças e para os jovens também, a maior alucinação surge das prendas, da música, das luzes, dos enfeites do ambiente com que se procura viver este período. É também por isso importante que se lhes dê a devida atenção.

Os rapazes foram inexcusáveis na criação de um clima de encantamento, com o grande presépio, a árvore enorme toda iluminada no centro do jardim à entrada da Casa, o espectáculo com magníficas representações, a gastronomia que eles confeccionaram e o serviço com um grupo de voluntários que se dispôs espontaneamente a exercer, tornando fácil e feliz a trabalhadeira que as refeições e a lavagem da loiça sempre acarreta.

Tocada pelo Espírito de Deus, sempre actuante, muita gente concorreu com a sua ajuda e carinho para que o Natal dos gaiatos fosse bom. Quem vive no topo desta Obra tem a graça de contemplar e sentir quanto Deus nos ama, e verificar a exactidão aplicada, das práticas de Jesus. É uma experiência de fé que nos enche a alma e dá à nossa vida uma felicidade incomparável. Tocamos o Invisível.

Durante o Advento organizámos dois grupos de Retiro e os adolescentes e jovens puderam confrontar a vida que levam com o projecto que Deus tem a respeito de cada qual. Deus que há tempo nasceu no seu coração vem neste Natal tomar mais corpo e galvanizar as nossas vontades para pôr em acção mais fielmente os seus desígnios de felicidade. Não fosse Ele «o Conselheiro Admirável».

A nota mais surpreendente da Festa foi o Miguel Ângelo — o nosso bebé. Esteve inexcusável em beleza e

originalidade no auto do Natal, sentado na manjedoura a brincar com a palha e a pô-la na boca de S. José, enquanto os mais pequeninos em dois grandes e afinadinhos coros entoavam canções natalícias vestidos de Anjo. Ele foi, como estava previsto, o Menino Jesus que todos beijámos no fim da *Missa do Galo*.

A ternura que a todos envolveu, impelia-nos a alcançar a figura real do Deus Menino.

Para que nada faltasse na atmosfera festiva, alguém nos trouxe, da mesma terra donde veio a criança, um grande Pai Natal fundido em chocolate que os 150 comeram regalados.

Padre Acílio

Uma carta

«Faz pena ver tanta pobreza num País onde há tantos sinais de riqueza e onde tanto se desperdiça! Se ao menos nós, os católicos, fôssemos fermento que levedasse a massa e tivéssemos coragem de remar contra a maré do consumismo e do luxo!

Que Deus nos ajude a rejeitar os falsos ídolos — o dinheiro a todo o custo, a grandeza, a competição — e a sermos verdadeiras testemunhas de Cristo Ressuscitado,

no meio em que vivemos.

O GAIATO dá-nos um grande apoio ao mostrar as chagas sociais, a miséria de tantos irmãos nossos que são a vergonha da nossa sociedade. Miséria que nos envergonha pela má distribuição que existe dos bens que Deus nos confiou e que são património de todos os homens.

Todos têm direito a viver com dignidade e com o mínimo necessário.

Assinante 54251»

DOCTRINA



Eu quero ser anátema,
por amor dos meus Irmãos.
S. PAULO

O Marcolino, dos Olivais, veio pessoalmente rogar dois meses na «nossa quinta», disse; e logo aduziu as razões do seu pedir: «porque tenho sombras num pulmão». Esta verdade sinistra que faria arripiar pais de família, di-la o gracioso rapaz descuidadamente, como quem bota o pião. A segunda razão também é de considerar: «A minha mãe está no hospital e eu levo muita porrada do meu padastro». Corrigi a porrada, fixei o dia da partida e librei o garoto de males e de tormentos.

NÃO há canto nem esquina onde o Luís e o Leonel me não procurem, a insistir e a disputar qual dos dois vai e em que dia pode comparecer na estação. Marquei dia para um e apareceram os dois, de mala aviada. E agora?! Leonel resolve num instante: «Vamos à cara ou coroa», disse. Atirou a moeda e saiu-lhe a cara! Uns olhos muitos negros e muito rasgados começam a ficar húmidos!... Que fazias tu? Pois eu fiz precisamente a mesma coisa: decidi-me pelos dois.

ESTAVAM agora os três — Marcolino, Leonel e Luís — a contar pelos dedos os minutos do comboio quando aparece, de saca na mão, o Joaquim dos Santos a quem o Luís passara recado. Este Joaquim dos Santos, quem no pode descrever?!... Pai incógnito, mãe feirante, sem escola, sem doutrina, sem amigos e com doze anos de idade! A Casa do Gaiato é para estes. Comprei quatro bilhetes. Metemo-nos todos na primeira, como reza o meu passe. Daí a nada fomos enxotados pelo revisor e foi a de três riscos que nos pôs em terra, na estação de Miranda do Corvo, a arrebrantar de contentes! No dia seguinte, depois de bem rapados e escanhoados, os novos habitantes da Casa deram entrada na Escola, Joaquim dos Santos pela primeira vez!

SE alguém é verdadeiramente amigo da Obra, não me peça nunca para eu receber gaiatos. Não que isso seja um mal ou que eu me aborreça; mas como o número deles tem de ser muitíssimo limitado, eu teria de fugir da rua ou de deixar em terra os meus, por causa dos teus. Tenho doze; não posso mais.

A entronização do Sagrado Coração de Jesus no Lar do ex-Pupilo fez-se no dia e na hora marcada com a pompa da simplicidade. O meu Prelado oficiou, que a Obra é da Igreja. A procissão começou na véspera; nem só em Tomar se faz a festa dos tabuleiros. Vieram vinte e dois deles com laranjas, tangerinas, bananas, ananases; com vinho do Porto, vinho de mesa, licores, jeropiga, vermute; com chocolates, reбуçados, línguas de gato; com pudins, biscoitos, pão-leve, queques simples, recheados, intermeados, um dos quais enorme e precioso, coberto de neve de açúcar com vistosos arabescos; taças de cristal cheias de nuvens em cima de ovos e mais coisas feitas em casa ou compradas nas lojas. Eram criadas, escudeiros, meninas de caracóis, mulheres de xaile e lenço, próprios em automóvel. De ora em quando ouvia-se: «A senhora manda dizer que o prato e a toalha ficam». Vinham cartões de visita, vinham recados de boca, vinham cartas sem morada e muitas legendas, uma das quais dizia: «Pela paz da nossa Pátria».

APÓS os brindes do estilo, retiraram-se os senhores e começou a grande festa do dia — a merenda. Estavam ali oitenta rapazes amparados pelo Governo, todos com sua história feita, na maior parte dos casos, de culpas da família e de defeitos sociais. A lei é a madrasta deles; a merenda, naquela hora, foi mãe! Como elas abrem os peitos, assim eu abri as minhas mãos pecadoras e coloquei nas deles, tanto quanto podiam abarcar, das coisas que me ofereceram. São irmãos pequeninos, muito abandonados. Nunca, talvez, tiveram um mimo, nem ninguém lhes deu um bolo! Dois deles, de doze anos de idade, esperaram numa Cadeia de Comarca, durante um ano, a hora de subir aos Juizes da Tutoria. Duas crianças no meio de erminosos! São assim os códigos; o Decálogo, não.

DAS sobras recolheram-se alguns tabuleiros para novas distribuições. Deus acrescenta e multiplica o que por Seu amor se dá. Com a noite terminou o dia e fechou-se o portão do Lar. Já somos oito. Se a Obra é apreciada pelos de fora, quanto mais a não saboreia quem por dentro a conhece e goza! Ai, que o cento por um do Evangelho é, ainda hoje, a verdade mais certa e mais temida!

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

ENCONTROS em Lisboa

Só Deus saberá as marcas que este Natal deixou em muitos corações

VEIO o Natal... Passou o Natal... Deixou marcas na nossa vida? Foi apenas fogacho passageiro que se esvaiu com o fim das iluminações de rua ou a euforia das compras e prendas?

Em nossa Casa foi um pouco de tudo: grande amizade por parte dos nossos Amigos que quiseram que nada nos faltasse; muitas coisas vindas de todos os lados; luzes e presépios em todas as casas; encanto da fogueira no nosso largo a aquecer a noite gelada; preparação do coração para receber o Filho de Deus com a ajuda dos sacerdotes vizinhos; festa no salão a que não faltou um auto de Natal; celebração da Eucaristia onde procurámos reunir à volta do altar todo o nosso mundo com as suas alegrias e esperanças, mas também com as suas dores e misérias; estiveram também presentes os Amigos vivos e aqueles que já partiram para a Casa do Pai; houve presentes e música; muita coisa doce; a poesia, a cor e o amor envolveram-nos.

Um pequeno acontecimento alvoroçou a nossa vida. Iámos ficando sem Menino Jesus. Explico: o André era o Menino Jesus no Auto de Natal. Logo a seguir ao almoço aparece a mãe em completo desequilíbrio dizendo que ia levar o menino. Creio que não consegui fazê-la compreender e o menino desapareceu. Burburinho em toda a Casa. Graças a Deus, voltou a aparecer e lá se deitou nas palhinhas. Ali o contemplei mais com os olhos do coração do que com os do rosto. Que seria daquele menino se tivesse ido? Desta vez venceu o menino que dizia: «eu quero ficar».

Voltando à pergunta do princípio: O Natal deixou marcas? Senti por parte de muitas pessoas que a solidariedade não morreu. Foi gratificante ver que muitos grupos de jovens se movimentaram e nos visitaram. Alguns passaram um dia connosco. Outros pediram para lhes falar. Vieram de todos os lados, desde o Vimeiro — Alcobaça, Torres Vedras, Manique, Alverca, Via Longa, S. João de Brito, Alcanhões, Belas... Sementes foram semeadas que esperam um dia poder desenvolver-se nos corações generosos. Só Deus saberá as marcas que este Natal deixou em muitos corações.

Continuamos, neste tempo, olhando o Menino que Se nos propõe. Deixa-nos a liberdade de Lhe pegarmos ou não. No meu coração vivem alguns meninos para quem não se encontra lugar, quer por falta de espaço quer por falta de corações maternos: o Rui Filipe, o Ruben Rafael, o Rudolfo, o Carlos, o Marco...

Padre Manuel Cristóvão

O nosso Jornal

Atraso na expedição d'O GAIATO

O dia está cinzento e triste como a minha alma. Todo o Dezembro foi uma aflição. Logo nos primeiros dias avariou o sistema informático que está na base do endereçamento e contabilidade do jornal. Vivemo-los na ansiedade do atraso iminente sobre a expedição do jornal do dia 10. A entidade que nos deve assistência não estava em condições de cumprir nem se mostrou preocupada com a gravidade da situação em que ficámos. Por pouca sorte o técnico que mais de perto nos tem assistido e melhor conhece o sistema, estava em vésperas de casamento que culminaria em lua-de-mel na Rússia. Outro técnico, chamado de emergência, não conseguiu resolver o problema, apesar da compreensão de quanto ele era grande para nós e do esforço desenvolvido.

A ansiedade relativa ao jornal do dia 10, fomos procurando atenuá-la com a esperança de que tudo estaria em ordem para o dia 24. «Seria uma visita dupla no Natal!» — eis a consolação que inventámos.

Pois as duas edições estão em casa na hora em que escrevo esta notícia para o jornal de 7 de Janeiro. É certo que o nosso técnico já regressou da Rússia e ainda há pouco telefonou que

espera amanhã ter o sistema operacional. Eu vivi tantas vezes esta expectativa ao longo deste mês — «amanhã deverá ficar tudo em ordem» — que nada me apazigua enquanto não vir a máquina a trabalhar, as etiquetas a serem impressas, os maços de jornal a saírem segundo os códigos postais. Por isso cinzento e triste o meu coração, tal como o dia.

Pior são as noites em que a gente acorda e liga logo o pensamento ao computador — e não há mais sono! Será esta a última noite?... Deus o permita!

Eu não quero parecer «velho do Restelo» nem ser retrógrado. Completamente analfabeto a respeito de informática, eu sei que o processo é irreversível. Mas fico a pensar como o homem-criador é ultrapassado pelas suas criaturas e fica prisioneiro delas. Irremediavelmente prisioneiro..., enquanto não aparecer a chave perdida do sistema, ou qualquer arrombador audaz e perspicaz que force a porta mesmo sem a chave perdida!

Nestes dias aprendi mais desta matéria que em todos os anos passados. Só agora tomei consciência do risco em que vivíamos. Pode ser que o mal tenha vindo por bem, pois não largarei os técnicos sem garantia solene de que todas as precauções possíveis de segurança serão tomadas.

E ainda assim não é de esquecer o preço desta crise,

o amargo da minha prenda, este Natal.

Padre Carlos

Nota da Administração — Também todo o correio deste mês aguarda tratamento. São muitos

milhares de cartas enriçadas para lançamento de assinaturas e despacho das declarações para o I. R. S. Não estranhem, pois, a demora, todos os Amigos que nos lembraram nesta época.

Património dos Pobres

Pára-raios de Deus

PESSOA com muita experiência de lidar com os Pobres informou que aquele bairro era dos mais degradados dos arrabaldes da Capital. Uma tarde fomos ver, tarde com núvens carregadas.

A manhã tinha sido de chuva. A rua principal que dá acesso a muitos becos, estava atapetada de poças d'água e lama. Ao princípio uma taberna com muitos fregueses lá dentro e cá fora. Muitos magotes de homens novos à porta de barracas. O bairro é composto de muitas centenas delas. Tábuas velhas, papelão, latas e plásticos são os materiais de construção. Tem acontecido que, numa semana, aparece mais uma fila de construções.

As pobres habitações não têm espaço; sem janelas, sem luz, sem água. São amontoados. Na rua principal há fontenário e candeeiros. Os habitantes, às escondidas, ligam fios e mangueiras. São quase todos da Guiné e de Cabo Verde.

Mais nos informaram que viviam ali as Irmãzinhas de Jesus que ajudavam aquela gente. Todos nos souberam informar onde era a casa das Irmãzinhas: «É ao fundo daquele carreiro, na casa que tem muitas flores à porta».

Descemos o carreiro, muito íngreme e apertado, com tijolos em degrau. Ao fundo estavam a casa e as flores. Aliviámos. Uma casa pequenina, de tijolo e cal, com porta e duas janelas e muitas flores. Batemos e entrámos.

Estava à entrada um homem a preparar-se para o Baptismo. Num quarto pequenino está o sacrário; uma almofada sustém a Bíblia e outra a imagem do Menino Jesus feito, por elas, em barro. Há uma pequena cozinha e um quarto onde dormem. Um pequenino quarto de banho limita a casa. Água e luz vêm do fontenário e do poste, quando há.

As Irmãzinhas de Jesus são quatro: duas francesas e duas portuguesas. Estão em Portugal há quarenta anos. Começaram por estar na Marinha Grande e no bairro da Curraleira. Três delas trabalham fora e a outra está ao serviço daquela gente.

Contaram-nos como foi construída aquela habitação. Viviam mais acima, num terreno que foi para um prédio. Ficaram na rua. Uma delas foi a França e a mãe deu-lhe cem contos. Comprou tijolo, areia e cimento. Os habitantes daquele bairro uniram-se e, em dez domingos, ergueram a casa.

Desabafaram a boa impressão que têm daquela gente. Todos se ajudam. Quando um tem, todos têm. São muito solidários. Testemunharam com um exemplo da véspera: Uma vizinha sentiu-se indisposta do estômago e foi pedir-lhes um pacote de leite; à noite levou-lhes um cestinho de peras.

Foi uma tarde consoladora. Vi estampada a sua humildade e o seu serviço. Acreditam por palavras e obras que Jesus Cristo está presente nos mais abandonados a quem elas querem amar e servir. São um pára-raios de Deus naquele bairro.

Padre Horácio



Continuação da página 1

-se. O edifício da escola foi sonhado, mas não sei quando se poderá cumprir. Há tempos, um empresário lançou a ideia da recuperação de um edifício para acolher crianças da rua, à sua conta e de outros, parece. Falei-lhe da nossa escola, mas nada. O preço era de uma centena e meia de milhar de dólares. Não sei ler este número traduzido em kwanzas, que é a moeda de Angola. Voltei-me para outro lado: um

BENGUELA

pequeno empreiteiro, mais pobre e menos ambicioso, que pede sessenta e sete mil dólares. Por todas as razões, agrada-me muito mais esta proposta que julgo acessível, onde está escondida uma vontade grande de colaborar com a Casa do Gaiato. Ainda não sei onde ir buscar a nossa parte, mas há-de vir.

Entretanto, o plano escolar está em andamento com aproveitamento razoável para os pequenos alunos. São cerca de trezentos, distribuídos por dez turmas e outros tantos professores, desde a pré-escola à quarta classe. Que os da 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª seguem os seus estudos nas escolas

oficiais, fora da nossa Casa. Vamos continuar a trabalhar. É o levantamento de todo um povo, desde os alicerces, que está diante de nós. De mãos dadas, vamos construindo solidariedade a pouco e pouco.

A nossa gratidão àqueles que se lembraram de nós, com a sua ajuda, neste Natal. Quero lembrar, com grande carinho, os rapazes já lançados na vida que vieram trazer a sua oferta. Obrigado!

Padre Manuel António



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Pago de Sousa — 4580 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788998 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1230

Tiragem média, por edição, no mês de Dezembro/94: 73975 exemplares.